

RELATO DE VIVÊNCIA EM UMA ASSOCIAÇÃO RURAL NO MUNICÍPIO DE MURITIBA-BA.

Autor(es): Mônica de Almeida Santos¹ (UFRB); Diego Araújo Peixoto Fraga² (AGECCOP); Taiane Sá de Jesus³ (UFRB).

E-mail: mony.sampaio@hotmail.com; diego.araujopf@hotmail.com; tthaiane@gmail.com

Grupo de Trabalho: GT7, Inserção de pessoas em desvantagem social no trabalho por meio da economia solidária.

Resumo

O presente relatório expõe a experiência ocorrida durante uma vivência que sucedeu em uma Associação Comunitária Rural no município de Muritiba no estado da Bahia, visando ajudar na organização da associação onde seus associados trabalham com a agricultura familiar. A vivência foi desenvolvida juntamente com os associados e a diretoria da associação onde eles relatavam que estavam precisando de melhorias e de forma conjunta planejávamos como sanar aquele problema, sendo que a comunidade tem uma capacidade muito grande em se unir para ajudar uns aos outros, mas não sabiam como utilizar esse poder para enfrentar as dificuldades vividas pelos mesmos.

Um dos grandes problemas da comunidade é que eles não conseguem escoar sua produção para o mercado, fazendo com que eles vendam seus produtos a preços muito baixos para atravessadores. Com esse problema as associadas sentiram-se necessitada em ter uma atividade para complementar a renda, para ajudar no sustento da família. Com isso veio a ideia do curso de artesanato, onde se fundamenta a nossa maior participação dentro da comunidade; onde criou-se um espaço na própria sede da associação que acontecia as oficinas de artesanatos.

O resultado dessa vivência foi apresentado na Feira Acadêmica de Economia Solidária que aconteceu na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, onde as agricultoras e agora

¹ Graduanda em Tecnologia em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

² Formado em Tecnologia em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

³ Graduanda em Tecnologia em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

artesãs exporam e venderam seus produtos confeccionado durante os 6 (seis) meses de atividades.

Introdução

A agricultura familiar é constituída por pequenos e médios produtores, a maior parte dos agricultores se encontra na região Nordeste, na maioria das vezes são pessoas com baixo nível de escolaridade que visam a inserção na sociedade e buscam sustento e aumento de renda. Apesar da grande discriminação que eles sofrem é um ramo que tem bastante importância para as pequenas cidades.

A agricultura familiar vem crescendo e conseguindo dar sustento para as famílias e levar desenvolvimento para as comunidades rurais, fazendo com que o fluxo de migração diminua e as pessoas continuem trabalhando no campo.

Entende-se por economia familiar a forma de produção que tem por base a utilização de mão-de-obra no âmbito da própria família. A principal preocupação dessa forma de produção é a auto-sustentação familiar e, apenas a parte excedente da produção, é disponibilizada para a comercialização e viabilização da aquisição de outros bens necessários à família, mas que são produzidos fora da matriz familiar. Os produtos adquiridos são de extrema necessidade para assegurar a reprodução social. (PAIXÃO, 2007, p. 2).

Para poder alcançar um desenvolvimento sócio-económico sustentável das zonas rurais torna-se indispensável que as atividades da produção agrícolas e não agrícolas em meio rural tenham sustentabilidade económica. A sustentabilidade económica futura da maioria das atividades e sistemas em causa irá implicar a ocorrência de profundas transformações produtivas, tecnológicas e estruturais. Tais transformações irão depender, em última análise da iniciativa e capacidade empresarial dos agentes económicos e sociais das zonas rurais, mas, irão implicar necessariamente um adequado enquadramento político-institucional.

Há décadas relegada a segundo plano e até mesmo esquecida pelo Estado, a agricultura familiar e a sua base fundiária –a pequena propriedade– têm sobrevivido em meio à competição de condições e recursos orientados para favorecer a grande produção e a grande propriedade – setores privilegiados no processo de modernização da agricultura brasileira. (Pronaf, 1996: 14)

O agricultor familiar sofre com a falta de assistência técnica ou inadequada, a questão do crédito vem se ampliando para a área fazendo com que os produtores possam expandir sua plantação ou plantar produtos de diferentes culturas.

Com a Lei nº 11.947/2009 que determina a utilização de no mínimo 30% dos recursos repassados pelo FNDE para alimentação escolar, na compra de produtos da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, os agricultores ganham forças, pois conseguem escoar seus produtos e se livra dos atravessadores.

A Vivência

O presente relatório expõe a experiência vivida na Associação Comunitária Rural de Baixa Grande e Abrangências, que visou ajudar na organização da associação, contemplar as mulheres com curso de artesanato⁴ e fortalecer o grupo. A associação tem como associados produtores rurais, que trabalham com a agricultura familiar.

A vivência foi desenvolvida juntamente com os associados onde a equipe acompanhava os trabalhos realizados pela diretoria da associação, a equipe era composta por três estudantes do curso de Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. As atividades aconteciam na sede da Associação em horários alternativos, pois os membros da diretoria divide seu tempo entre os trabalhos do campo e as atividades da associação.

As atividades sempre eram discutidas em assembleias com os associados, uma vez que os mesmos procuravam sempre se inteirar do que estava acontecendo para poder ajudar de alguma forma, as atividades sempre propôs aos associados a ter uma visão de que a associação pertence a todos eles, então eles deveriam zelar por ela.

Com isso, a equipe iniciou seus trabalhos fazendo visitas nas casas dos associados e convidando-os para as oficinas que aconteceriam aos finais de semanas na sede da associação que abordariam assuntos como: Associativismo, crédito e políticas públicas.

Juntamente com o presidente da associação buscou-se parceiros para contribuir financeiramente para o término dos banheiros da associação, também fomos atrás de técnicos da EBDA e na secretária da agricultura do município de Muritiba-Ba para conseguirmos visitas, instruções e palestras para os produtores.

Após conseguir um técnico em agropecuária pela Secretária de Agricultura de Muritiba, era feito o acompanhamento para ver como procedia esta visita e para algum tipo de auxílio que viesse ocorrer, e também para preencher a ficha de visita e marca a próxima

⁴ As associadas que escolheram o curso de artesanatos, pois elas viam como uma forma de contemplar a renda da família.

data junto com cada produtor e ainda para evitar ruídos nas conversas entre técnico e associados.

Montou-se dois grupos⁵ com as associadas onde as filhas das mesmas também podiam participar e iniciaram as oficinas de artesanatos. A professora de artesanato e sua assistente ministravam as aulas de forma voluntária, o curso consistia em trabalhar com materiais recicláveis ou que fossem do campo para que não gerasse despesas para as participantes, ficou acordado que cada participante compraria seu próprio material que fosse utilizado nas aulas, a associação não podia arcar com essa despesa e o curso não cobrou nenhum tipo de taxa.

Após o término do curso que teve duração de seis meses, acontecendo sempre aos finais de semanas para que as mulheres não precisassem sair da sua atividade agrícola que é o principal meio de sustento de sua família, conseguiu-se formar trinta mulheres pois no decorrer do curso houve desistência e com isso esse grupo conseguiu um stand para a associação na Feira Acadêmica de Economia Solidária - FAESOL, que elas utilizaram para expor e vender os artesanatos que foram confeccionados no decorrer do curso, angariando recursos para comprar mais materiais para continuar as atividades.

A vivência contribuiu bastante para verificar o aprendizado em sala de aula e ver as dificuldades que são encontradas quando se lida com economia solidária ou com agricultor familiar, pois nem toda sociedade tem a visão de que é uma forma digna de sustento e que é o surgimento de uma economia, e que eles contribuem bastante para o desenvolvimento de pequenas cidades, e são fontes geradoras de renda.

Considerações Finais

A realização da vivência foi extremamente esclarecedora e construtiva para toda equipe. Nela foi possível compreender melhor o embasamento teórico adquirido em sala de aula e compará-la ao conhecimento e práticas utilizadas em uma associação. Cabe salientar a grande boa vontade e paciência da diretoria e associados envolvidos no processo, bem como o estímulo a interação e a troca de ideias não só no mundo da agricultura como em aspectos culturais gerais, economia e política.

⁵ Cada grupo era formado por 20 (vinte) mulheres.

É perceptível uma visão positiva dos agricultores, tendo como principais características ser um povo alegre e guerreiro. Em relação às áreas administrativas e de campo no decorrer da vivência a equipe teve a oportunidade tanto de trabalhar no campo com os associados como na parte administrativa ajudando na organização da mesma.

Referência Bibliográfica

ARMANI, Domingos. **Como Elaborar Projetos?** Guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo 2004.

COUTO FILHO, Vitor de A; Takagi, Maya; Balsadi, Otávio V. (Org). **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial: um olhar da Bahia sobre o meio rural brasileiro.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

PAIXÃO, Clodoaldo de A. **Economia Familiar.** Disponível em:
http://www.moc.org.br/artigos/23-05-2007_16_08_37.pdf. Acessado em 23/04/2015.